

PROJETO GUIGNARD

Passos de Guignard em Ouro Preto

Helena Silva Azevedo, viúva do médico e amigo de Guignard, Santiago Americano.
Entrevista realizada na sua residência, em Belo Horizonte, dia 14 de outubro de 2003.

Gélcio: Helena, gostaria que falasse sobre o seu casamento com Santiago Americano, época em que estabeleceu os primeiros contatos com Guignard.

Helena: Em 1957, quando conheci o Santiago, eles já se relacionavam há muito tempo. Ariadna, sua primeira mulher, era pintora e foi aluna de Guignard. Santiago tinha ficado viúvo e Guignard morava em sua casa há cerca de um ano. Assim que resolvemos nos casar impus como condição não morar com Guignard. Sou de Patos de Minas, meu pai ainda estava vivo e minha família não tinha hábito de viver entre artistas. Não o queria em minha casa, era um estranho para mim. Quando nos casamos, Santiago convenceu-me a aceitá-lo. Guignard ficou morando em casa por cinco anos e meio.

Gélcio: O que a levou a aceitar essa convivência com Guignard?

Helena: Acho que pelo fato de ter meu pai da mesma idade. Não sei nem explicar porque aceitei. Gostei e me acostumei à presença dele, passei a amá-lo. Pode ser também que eu tivesse um temperamento fácil e era mais nova, era muito dócil. Hoje sou mais difícil. Gostei e senti muito quando ele saiu da minha casa. Nunca me aborreci com nada, eu tinha uma casa muito grande, muitas empregadas e ele era uma pessoa de fácil convívio.

Gélcio: Poderia nos contar as razões que levaram Guignard a morar na casa do seu médico, o Dr. Santiago?

Helena: Ele gostava muito do Guignard, já o conhecia, e Guignard não tinha casa. Havia morado alguns anos na Escola Guignard, em um prédio do Parque Municipal. Não tinha ninguém que cuidasse dele. Passou a morar com Santiago porque estava sozinho.

Gélcio: Parece que o Dr. Santiago gostava de pintura também.

Helena: Ele pintava muito bem. E era um grande desenhista. Fez curso na Europa, mas nasceu pintor, tinha realmente talento. Suas pinturas eram maravilhosas. Ariadna também era uma grande pintora.

Gélcio: Eu gostaria que falasse um pouco sobre esse cotidiano com Guignard, a intimidade. Como era o dia de Guignard em casa?

Helena: Ele era uma pessoa muito educada, um homem fino. Falava várias línguas, foi educado durante 25 anos na Europa.

Gélcio: O problema do lábio leporino assustava um pouco, dificultava o relacionamento?

Helena: Em minha opinião, sim. Ele tinha uma pronúncia difícil de entender, o defeito era bem acentuado. Isso o deixava provavelmente muito complexado. Depois a gente se acostumava, fazia amizade, tinha carinho pela pessoa. Cuidei dele como se fosse um pai. Meus filhos até hoje se referem a ele como “vovô Guignard”. Ele passou a fazer parte da família. Passava o Natal na

casa dos meus pais, íamos ao cinema. Quando íamos ao Rio, ele ficava no Hotel Califórnia. Estava sempre conosco.

Gélcio: E a rotina, como era? Acordava cedo, dormia cedo?

Helena: Ele fazia repouso depois do almoço. Tinha o costume de se deitar e de se levantar cedo. Gostava muito de costurar em seu quarto, arrancava e pregava botões, cortava a perna do pijama e fazia bainha.

Gélcio: Guignard tinha o hábito de beber?

Helena: Não, na minha casa era só um copo de cerveja, que me acostumei a tomar com ele. Guignard tinha necessidade de um pouco de bebida, mas a gente bebia socialmente. Às vezes ele fugia. Uma vez pulou a janela, chamou na casa do Samuel Koogan e pediu dinheiro a ele, dizendo que era para consertar o sapato. Aí sumiu. O Samuel teve que procurá-lo porque, se deixasse, ele bebia bastante.

Gélcio: No período em que viveu em Ouro Preto, parece que também era bem controlado. A Lúcia tinha um motorista que o vigiava, mas ainda dava suas fugidas. Um ex-estudante entrevistado comentou que ele ia para as repúblicas e, às vezes, se excedia. Você acha que Guignard tinha compulsão por bebida por causa do ambiente acanhado de Minas Gerais, depois de ter vivido na Europa e no Rio de Janeiro?

Helena: Acho que a pessoa que bebe, em geral é porque tem um pouco de depressão, um pouco de melancolia. Mas não sei se era o caso. Ele tinha o defeito da boca, era um solitário. Se não o vigiasse ele bebia muito, bebia cachaça ou outra bebida forte. Guignard gostava de Kümmel.

Gélcio: Quem cuidava do controle de saúde do Guignard?

Helena: Era o Santiago e um cardiologista que ia vê-lo sempre, Manuel Borrotchin. Era o meu clínico e cuidou de Guignard durante esses anos.

Gélcio: Qual era o problema de saúde dele?

Helena: Acho que era um problema de coração. Santiago acompanhava tudo de perto. Guignard levava vida metódica, parecia saudável, tinha alimentação equilibrada.

Gélcio: Como era o seu hábito alimentar, ele costumava comer muito?

Helena: Não, era tudo controlado. Ele engordou 20 quilos depois que saiu da minha casa. Teve uma dilatação do coração.

Gélcio: Guignard trabalhava em sua casa. Tinha um espaço para pintar?

Helena: Tinha um ateliê enorme nos fundos, onde ele e o Santiago pintavam. O Inimá também pintava lá.

Gélcio: Qual era o ritual do Guignard para pintar ou desenhar?

Helena: Ele não costumava pintar o dia inteiro, durante muito tempo. Ele se levantava e dizia que ia costurar um pouco, fazer alguma coisa, ficava limpando os pincéis. Quando pintava um

quadro, era preciso controlar. Uma vez a Nelly Frade, que foi sua aluna, me perguntou se ele podia fazer um retrato de uma sobrinha dela, para dar de presente. Eu concordei e ele fez. A menina, acho que tinha uns oito anos. Nelly recomendou-me que vigiasse o quadro, porque queria uma paisagem de Ouro Preto de fundo, a Ponte de Marília que, aliás, ele pintava muito. Se não controlasse, ele mudava de idéia e fazia umas flores por cima. Ele simplesmente destruía a pintura que já estava pronta. E eu vigiei até que ele a concluísse.

Gélcio: Você se lembra se ele costumava preparar fundos? Pelo que disse, ele gostava muito do ofício de preparar os pincéis, a tela.

Helena: Gostava muito dos pincéis sempre limpos, nessa parte era muito organizado. A paleta dele está com minha filha, tem todas as cores.

Gélcio: Gostaria de saber sobre algumas obras que considera boas e que foram produzidas em sua casa.

Helena: A pintura dele era muito linda. Tinha as noites de São João, a festa do arraial, que está lá no Museu, as flores. Não sei para quem ele vendeu quadros. Certa vez fez um belíssimo, parecia inspirado na “Primavera de Botticelli”. Minha filha havia pedido que ele guardasse esse quadro para ela. Ele vendeu, mas não sei para quem. Em 1958 fizemos uma exposição dele no Automóvel Clube e só foi vendido um quadro para uma amiga do Samuel.

Gélcio: E os preços, na época?

Helena: Eram muito baixos. Não me lembro quantos quadros a Priscila quis e pediu: “Alberto, vamos comprar a exposição toda”. Até hoje ela fala que os quadros eram baratos, o pessoal não dava muito valor à pintura.

Gélcio: Vocês pertenciam a um grupo de pessoas que valorizavam Guignard, que já o reconheciam como um grande pintor?

Helena: Era um grupo pequeno. Veja você, ele vendeu apenas um quadro, o buquê de flores na exposição de 1958, quatro anos antes de morrer.

Gélcio: Já falamos do grupo que realmente reconhecia em Guignard seu o talento genial, de vocês, da Priscila. Você poderia citar outros nomes?

Helena: Tinha o Mário Silésio, os alunos dele, o Joaquim e a Lúcia Machado de Almeida, o Clóvis Salgado, o Manuel Borrotchin. Havia o grupo que freqüentava a minha casa. Mas as pessoas da sociedade, que gostavam e que compravam Guignard, eram poucas, muitos ganhavam obras dele. Às vezes pintava e não recebia nada.

Gélcio: Você acha que Guignard foi explorado?

Helena: Foi. Ninguém tomava conhecimento dele, ninguém cuidava dele. Ele fazia um quadro, a pessoa dava uma garrafa de uísque. Até ir para minha casa não tinha nem roupa direito, não tinha um médico que o acompanhasse.

Gélcio: Então foi a partir da convivência com vocês que ele começou a acumular algum patrimônio?

Helena: Não me lembro. Mas ele viajou, teve conforto, uma casa. Quando foi morar conosco, a minha filha mais velha tinha nove anos. Eles jogavam, conversavam e, depois do jantar, eu dizia: “Agora está na hora de dormir”. Ele tinha, assim, um ambiente de família.

Gélcio: Ele gostava de música, de ouvir música?

Helena: Gostava, era um homem culto, gostava de música erudita.

Gélcio: Leitura?

Helena: Ele tinha e gostava de livros de arte.

Gélcio: Quando veio para Belo Horizonte, Guignard era um pintor reconhecido fora de Minas, no Rio, em São Paulo? Vocês recebiam visitas de intelectuais, de artistas que vinham conhecê-lo?

Helena: Recebíamos, sim. Eu me lembro de uma vez que o diretor do Museu de Arte Moderna do Rio foi a minha casa. Até hoje a Priscila Freire fala: “Ah, meu Deus, era o quadro que eu gostaria de ter comprado”. Era a “Família do Fuzileiro Naval”. Ele elogiou: “Que bonito!” Guignard respondeu: “É seu, você pode levar, sabe?” Há também um auto-retrato que pertenceu à família de Clóvis Salgado e foi leiloado no Palácio dos Leilões. Dr. Clóvis foi a minha casa, elogiou: “Ah, que bonito!” Ele falou: “Excelência, é seu, pode levar”. Ele dava muitos presentes, mesmo quando vivia na minha casa. A pessoa elogiava, era dele, ninguém tinha nada com isso.

Gélcio: A Priscila sempre teve um respeito muito grande pela obra do Guignard.

Helena: E tem um acervo de qualidade, uma significativa coleção. Algumas vezes ela pediu a Guignard que fosse a sua casa para assinar os quadros. Mas ele nunca encontrava tempo. São obras autênticas e muito belas, que saíram da minha casa.

Gélcio: E o quadro dos dois bebês?

Helena: Os bebês eram os meus filhos do casamento com Santiago. Na época estavam com três meses. A Natasha e o Júnior. Priscila ficou com o da Natasha e a Maria Eunice com o do Júnior. São os únicos nenéns que ele fez em toda a sua vida. Quando os meninos nasceram, ele morava conosco. Ele fazia a criança no carrinho, enquanto dormia, deixava prontinho. Quando ela acordava, fazia os olhos.

Gélcio: Os olhos têm, inclusive, uma expressão muito forte naqueles desenhos. Guignard tinha o hábito de começar um trabalho e terminar depois ou de abandoná-lo?

Helena: Tinha, ele não fazia um quadro o dia inteiro não. Às vezes fazia um quadro bonito, a gente não prestava atenção, ele pintava outra coisa por cima. Eu tinha um buquê de flores do Di Cavalcanti. Um dia eu o vi mexendo nos meus armários, ele sabia que eu tinha esse quadro. Eu falei: “Mas professor, o que o senhor está fazendo?” “Ah, estou procurando o quadro do Di. Vou dar um retoque e deixo a assinatura dele de um lado e vou assinar do outro”.

Gélcio: E ele fez isso?

Helena: Não, porque o quadro estava escondido.

Gélcio: Você falou da exposição do Automóvel Clube, que não vendeu nada. Mas parece que a partir daí surgiu um contrato com uma galeria do Rio de Janeiro.

Helena: A Petite Galerie.

Gélcio: Isso. E Guignard começou a vender?

Helena: Não, não vendeu muito. Guignard quase não vendia.

Gélcio: Mas esse contrato assegurou um patrimônio a ele?

Helena: Foi bom para ele, mas nem me lembro como foi o contrato com a Petite Galerie, porque era o Santiago que cuidava desses assuntos. O Hugo Gouthier, que era Embaixador do Brasil na Itália, tinha convidado Guignard para fazer uma exposição na Europa. Nós íamos levar a exposição, patrocinada pelo Gouthier. Depois da campanha difamatória feita através de certo jornal de Belo Horizonte, acusando de exploração os protetores de Guignard, desistimos da idéia.

Gélcio: Gostaria que esclarecesse sobre a polêmica levantada por jornais de Belo Horizonte.

Helena: Parece-me que o fato de Guignard viver tão bem em nossa casa, viajar, despertou ciúme em algumas pessoas. Antes de morar conosco, não tinha nada. Mesmo assim, disseram que nós o explorávamos. Na ocasião o Santiago estava no Paraná e eu, no oitavo mês de gravidez. Tive meu menino de oito meses. Foi um fato que me aborreceu terrivelmente, por tratar-se de mentira. Imagine você, cuidar de um pintor durante cinco anos e meio e não ter nenhuma obra dele? Você já ouviu falar nisso?

Gélcio: Não, de fato é uma situação inusitada.

Helena: Nós cuidávamos da saúde, da assistência médica, do conforto, das roupas e tudo. Então, resolvemos não continuar com ele e o entregamos a Lúcia Machado de Almeida. Santiago telefonou para o Alberto Freire, que era muito amigo nosso. Priscila também. Alberto foi aluno do Santiago. Santiago disse: “Estou entregando Guignard, mas muito sentido com aquela campanha. Guignard podia ter ficado na minha casa até morrer”. E Santiago disse que ele não teria nem seis meses de vida fora da nossa assistência e do Borrotchin. Foi o que aconteceu. Ele engordou 20 quilos nesse período porque comia mais do que devia, bebia e teve dilatação no coração.

Gélcio: E com relação à vontade de Guignard de ir para Ouro Preto?

Helena: Ele adorava Ouro Preto, às vezes tinha vontade de ir lá. Então chamávamos o Wilde Lacerda, que era seu aluno e também ótimo pintor. Guignard tinha sempre um acompanhante. A princípio, ficava no Grande Hotel, mas começou a fazer confusão com as chaves e o pessoal reclamou. Por isso passou a ficar no Hotel Toffolo.

Gélcio: Você chegou a acompanhar Guignard em passeios a Ouro Preto?

Helena: Não, porque quando eu ia a Ouro Preto era sempre com o Santiago, acompanhando visitas, algum médico, farmacologista, dos Estados Unidos ou da Europa.

Gélcio: Você se lembra do que ele falava de Ouro Preto, como ele se expressava em relação à cidade?

Helena: Achava a cidade linda. Sentia-se bem lá, com aquelas casas antigas.

Gélcio: Era desejo de Guignard morar em Ouro Preto?

Helena: Não, em morar ele nunca falou. Guignard não queria sair de nossa casa.

Gélcio: Como ele reagiu à mudança?

Helena: Deve ter feito muito mal a ele. Ele perguntava por que o tinham tirado da minha casa. Quem o levou para Ouro Preto foi a Lúcia Machado de Almeida. Foi quando organizaram a Fundação.

Gélcio: Você acha que ele ficou satisfeito de ter ido para Ouro Preto?

Helena: Isso não sei, nunca mais vi Guignard.

Gélcio: Ao chegar à cidade, Guignard morou em uma casa emprestada pelo Pedro Aleixo. A Fundação chegou a comprar uma casa com o dinheiro dele, você se lembra disso?

Helena: Sei apenas que, ao sair de casa, possuía dinheiro em conta bancária, não me lembro quanto. E que levou também um biombo, pintado de flores. Quando ele morreu, apareceram uns primos que ele tinha no Rio e dos quais ninguém tinha notícia. Nunca tinham vindo a Belo Horizonte. Alegaram serem os herdeiros e levaram o biombo embora.

Gélcio: Você acha que a Fundação Guignard foi correta em relação ao patrimônio do artista?

Helena: Foi, estava tudo organizado.

Gélcio: Entrevistei a copeira que cuidava dele durante o dia. É viva, chama-se Jovita e disse que ele gostava muito de doces, de arroz doce, de doce de cidra.

Helena: Na minha casa eu não o deixava abusar do açúcar. Quando disseram que Guignard estava diabético, Santiago comentou: “Eu não acredito nisso! Ele deve ter comido muito doce ou então punha açúcar na água, tomava água com açúcar”.

Gélcio: Vamos voltar ao ano de 1959. A senhora podia falar um pouco sobre a festa dos 65 anos do Guignard? Parece que foi a sua última grande festa de aniversário.

Helena: Foi. Ele ainda vivia em nossa casa e pediu que comemorássemos. Foi uma festa muito bonita, com Dr. Clóvis Salgado, os médicos e os amigos reunidos. Nossa casa, na rua Palmira n.º. 80, era muito grande. Foi uma festa ótima, realmente. Ele gostou muito.

Gélcio: O Museu Guignard tem uma foto do Guignard pintando seu retrato. Você está sentada e ele em frente ao cavalete. Não havia legenda quando comecei a trabalhar na Casa. Foi a Priscila que disse: “Essa é Helena, mulher do Dr. Santiago”.

Helena: Em 1958 a Priscila me disse: “Você é a única mulher que ele fez bonita. Embora ele tenha pintado mulheres tão bonitas, nos retratos elas não parecem assim”.

Gélcio: Foi o único retrato seu que ele fez?

Helena: Não, ele fez um outro quadro, mas não é tão bonito como esse.

Gélcio: Foi um período que as mulheres de sociedade gostavam de serem retratadas pelo Guignard.

Helena: Gostavam, mas algumas pessoas não davam a devida importância. Ele falava: “Vai lá fazer o quadro”. Alguém outro dia comentou: “Pois é, ele me ofereceu e eu não fui, sabe? Posar é muito complicado.”

Gélcio: Como foi a pintura do seu retrato, demorou muito?

Helena: Eu não me lembro, só sei que não se fazia em um dia. Ele se cansava.

Gélcio: Como é que ele gostava que o retratado ficasse? Parado?

Helena: A gente podia conversar, podia rir, podia tudo. Quando ele fez o primeiro, foi logo que nos conhecemos, a gente ainda não tinha muito diálogo. No segundo, já tinha mais conhecimento e ele gostava muito de mim e do Santiago. Ele chamava o Santiago de Vossa Excelência, tinha um respeito muito grande por ele.

Gélcio: Por tudo que tenho estudado, lido e pesquisado, parece-me que a única casa em que ele permaneceu morando foi a de vocês.

Helena: É, como moradia, foi na minha casa. Tinha um jardim muito grande e ele se sentia bem, porque vivia à vontade, fazia o que queria e tinha as crianças pequenininhas.

Gélcio: Helena, como eram as paixões do Guignard, as namoradas?

D Helena: Sobre isso não sei quase nada. Quando morou conosco não teve namoradas, mas gostava de mulheres bonitas. Foi casado na Europa. Aqui conheceu uma moça chamada Celina. Cecília Meireles também lhe dedicou poesias, tinha um carinho especial por ele, era uma intelectual, uma mulher muito inteligente.

Gélcio: Na viagem que fizeram juntos, Guignard contou coisas do período que viveu na Europa?

Helena: Não. Dizem que ele chegou a se casar com uma camareira de um hotel.

Gélcio: Ele contou isso para você?

Helena: Não, as pessoas comentavam. Ele não tinha parentes, todos haviam morrido: a mãe, o pai, a irmã e o padrasto, que era alemão.

Gélcio: Vocês nunca tiveram contato com a família do Guignard no Brasil?

Helena: Não, nunca.

Gélcio: E a viagem à Europa, o que pode nos contar a respeito, do trajeto, dos lugares que Guignard gostou de rever ou de conhecer?

Helena: Em 1961 fomos a um Congresso em Estocolmo e ele viajou conosco por vários países - Alemanha, Itália, França. Estivemos em Leningrado e Moscou. Guignard custeou suas próprias despesas apesar de seus quadros serem pouco vendidos. A pintura moderna não era tão valorizada na época. Foi uma viagem maravilhosa, ficamos três meses por lá. Ele conhecia a Alemanha, onde morou muitos anos, além de Florença, onde me parece que morou também e Paris. Mas era uma pessoa que não falava muito. Lembro-me que em Estocolmo fui com ele fazer compras e insisti para que falasse alemão, mas não falou nada. Era inibido, às vezes as pessoas não o entendiam. “Professor, fale alemão, eu estou querendo comprar.” Mas tive que me comunicar por gestos, ele não quis falar.

Gélcio: E ele trabalhava durante a viagem, desenhava, fazia alguma coisa?

Helena: Ah, desenhava. Santiago também. Em Paris fomos fazer os desenhos na Grand Chaumière, em Montparnasse. Ele fez e trouxe, acho que Priscila tem um, ele deu de presente a ela.

Gélcio: Você tem alguma coisa que recorde essa viagem, um objeto, um álbum?

Helena: Não, tenho apenas o meu retrato que Santiago fez.

Gélcio: As pessoas assediavam muito vocês pelo fato de Guignard estar lá? Artistas, intelectuais, jornalistas.

Helena: Demais. Eu às vezes me aborrecia porque todo mundo achava que ele era obrigado a pintar. Se íamos a uma festa, por exemplo, ele saía oferecendo quadros. Eu não podia receber todas as pessoas em minha casa, estranhos. Não vou citar o nome, mas houve o caso de uma senhora da alta sociedade, muito amiga do Wilson Frade, que levou Guignard para pintar o retrato dela, deu dinheiro a ele e ele sumiu. Foi encontrado no Hotel Métropole e teve que ir para o hospital. Depois esta senhora telefonou para o Santiago, o material de pintura havia ficado na sua casa e então Santiago exigiu que o devolvesse. Tivemos alguns aborrecimentos com pessoas de fora.

Gélcio: Quer dizer que Guignard com dinheiro na mão, significava...

Helena: Significava bebida, ele saía. Só não tinha muita oportunidade por causa do convívio conosco e a gente controlava, vigiava. Dessa vez recebeu dinheiro, ficou passando mal de tanto beber. Quando fomos buscá-lo no Hotel estava de cama.

Gélcio: Os alunos de Guignard freqüentavam a sua casa?

Helena: Freqüentavam. A Yara Tupinambá, o Wilde, a Lizette, o Álvaro Apocalipse, a Maria Helena Andrés, inclusive o marido dela, médico também. Era um grupo assim que freqüentava a minha casa.

Gélcio: Ele deve ter ficado muito chocado com a decisão da saída, não é?

Helena: Da saída, de o entregarmos, de não ficarmos mais com ele na nossa casa, realmente foi muito desagradável. Foi no final de 1961.

Gélcio: E como vocês receberam a notícia do falecimento dele? Foi um fato que surpreendeu ou não?

Helena: Não, ao Santiago não surpreendeu, por causa do coração, pois ele conversava com o Manuel Borrotchin, que estava sempre fazendo exames. O Manuel foi aluno do Santiago. O fato de Guignard engordar tanto, como já disse, ocasionou dilatação do coração. O Santiago sabia que isso poderia acontecer. Era difícil, ele já não era novo.

Gélcio: Onde é que você acha que ele escondia as mágoas? Com certeza ele devia ter alguma...

Helena: Eu não sei, não estou lembrada, porque comigo ele não falava e nem parecia triste.

Gélcio: E a alegria do Guignard? Quais eram os momentos que a senhora via que eram realmente de grande alegria para Guignard?

Helena: Por exemplo, quando ele fazia um quadro bonito.

Gélcio: Ele gostava de visitas?

Helena: Gostava e o pessoal ia visitá-lo. Ele fazia o retrato de mulheres bonitas. Ele fez um retrato da Margarida, filha do Mário Silésio, que foi encomendado pelo Clóvis Salgado e que atualmente está no Ministério da Cultura, no Rio.

Gélcio: Proponho que faça um exercício de imaginação. Se tivesse que ver Guignard hoje, agora, de memória, onde o veria e como?

Helena: Hoje eu o veria... Eu sempre o via no ateliê. O artista se sente bem no ateliê, diante do cavalete, fazendo o quadro ou o retrato de uma pessoa que gostaria de pintar. Ele fez um retrato da Lúcia Flecha de Lima, ficou encantado com sua beleza.

Gélcio: Como você vê o reconhecimento da obra de Guignard atualmente?

Helena: Hoje eu o considero o maior artista brasileiro. Era um artista diferente, tinha uma pintura maravilhosa. Viajei muito pela Europa, conheci muitos museus, nunca vi pintura como a de Guignard. A pintura é dele, autêntica.